O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 48.º — N.º 2173

Sábado, 2 de Dezembro de 1950

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVÈIRO
R. Comb. da G. Guerra — Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Porto *Agência Havas*

No Centenário de Junqueiro

—o—

As cerimónias comemorativas, em honra do trovejante Junqueiro, vieram enrugar, embora com branda agitação. o ambiente literário e intelectual do momento—lago plácido e sereno, onde as águas mansamente ondulavam.

Junqueiro deixou nas letras portuguesas um sulco apocalíptico, semelhante a uma revolução poética e a uma procela de sentido religioso, social e político.

Não obstante dormir o sono eterno nos Jerónimos, nessa basílica de pedra rendilhada, abrigado em silêncio e solidão pela asa bendita da imortalidade, ainda quando se lhe toca, quando se sonda a epiderme e o sangue das suas criações poéticas, singulares e contraditórias vibrações despertam nas almas.

Complexa, estranha, rica, veemente e dominadora personalidade, que se desdobra em vários planos, conforme os ângulos da sua inteligência, da sua imaginação e da sua sensibilidade.

O Junqueiro intimo, da vida recolhida do lar, que desejava e apreciava a religião na família, não é idêntico ao Junqueiro dos versos, dos alexandrinos harmoniosos, musicalmente sonoros e tumultuantes, inundados de labaredas e da prosa incisiva e cortante como látegos de cristal, que tem revérberos de granadas em movimento.

Mesmo nos versos há mais que um Junqueiro. O Junqueiro da *Velhice*, da *Morte de D. João* e do poema *Pátria*, é diferente do Junqueiro da *Musa em Férias*, dos *Simples* e das *Orações*.

Temos o Junqueiro que exprime essencialmente um determinado período histórico e inconformista, de carácter religioso e político, período limitado e efémero, que precisamente por ser transitório, ficou sujeito à discussão e à controversia e consequentemente à reparação e à revisão.

Existe o Junqueiro que consubstância as ansiedades profundas e permanentes do coração, da alma e do espírito humano, encastoadas em imagens e símbolos poéticos, que pela beleza, doçura e pureza dos motivos e da inspiração, traduzem e alcançam a perfeição e a espiritualidade da eternidade lírica.

Ao lado do poeta demolidor vemos o poeta construtivo.

Junto do poeta agitador social, cujas ideias, atitudes, sentimentos e verbo ardente, são ultrapassados e revistos pelo tempo e por novos cenários da inteligência, toma posição de vulto o poeta lírico e espiritualista, que permanece, que fica, que dura, industrutivel, cujas criações artísticas têm o selo imortal dos séculos.

Junqueiro é tipicamente um temperamento intelectual, político, literário e poético do século desanove.

Dêsse século duplamente romântico e materialista, excepcionalmente grande, cheio de claridades e de sombras, em que se confunde e baralha o que há de mais puro e melhor, ao mais perturbador e desequilibrante da razão, da alma e da cultura humana.

Desse século estrutural de liberdade, de liberdade sem limitações, nas mais variadas direcções da inteligência, da sociedade e da vida.

Liberdade na economia e na política; liberdade na arte, na literatura e na poesia; liberdade na ciência, na história e na filosofia, enfim liberdade em todos os aspectos do conhecimento humano.

Evidentemente que há excepções, mas a regra, a feição e o distintivo inconfundível do século é esse.

E' flagrante o contraste com o nosso século—século de equilíbrio, de disciplina e de responsabilidade intelectual.

Na sua obra poética de agitador social, político e religioso, em que são manifestas a influência e as sugestões da literatura francesa, palpitam, vibram e refletem-se, envoltas em brilhantíssima roupagem formal e verbal, as virtudes e os defeitos do século dezanove.

Do emocionante escol de reformadores, críticos, inovadores e revolucionários conhecidos pelos *venciddos da vida*, Junqueiro foi o mais irreverente, o mais iconoclasta, o mais acerbo, o que mais fundo atacou os fundamentos históricos e seculares da velha estrutura social portuguesa:—o trono e o altar.

Nem Oliveira Martins nas suas críticas e empolgantes ressurreições históricas; nem Eça de Queiroz na sua prosa insatisfeita de requintado artista, em que as frases eram amorosamente trabalhadas como joias preciosas em mãos feiticeiras de joalheiro; nem Antero, o santo Antero, o divino Antero, nas suas visões angustiantes de filósofo, penetraram tão crua e vivamente o estilete da análise e da combatividade no dorso clássico, monarquico-religioso, do Portugal histórico e tradicional.

Ele próprio, inteligência honesta e alma justa, reconhecendo os excessos e as injustiças do seu verbo impetuoso e incandescente, não hesitou em proferir ideias e palavras reparadoras em rectificação.

No profundo da sua natureza e da sua formação intelectual, Junqueiro era vertebralmente cristão, religioso, espiritualista e metafísico, sem ser rigorosamente um pensador, um sistematizador e coordenador de ideias, ainda que tivesse fulgurantes e originais pensamentos.

O seu patriotismo, o seu nacionalismo, o amor à sua terra, a devoção pelo nosso Portugal eram proverbiais.

Junqueiro, assim como muitos dos grandes homens do seu tempo, eram bem intencionados, não significando a sua combatividade, por vezes injusta, agressiva e violenta, uma inferioridade moral e intelectual.

Obedeciam ao espírito e às tendências políticas e intelectuais da época, aos imperativos românticos e espirituais do século a que as inteligências e as sensibilidades dificilmente se podiam furtar.

Os seus propósitos eram claros, nobres. sinceros.

Alimentavam o desejo, a aspiração, o ideal de verem melhoradas e aperfeiçoadas as realidades da sua época.

Discutíveis os processos, sem dúvida, pois não é com palavras por mais belas e eloquentes que sejam, nem com ideias por mais racionais que pareçam, mas destituídas de valor prático e realizável e sem o auxílio de técnicas apropriadas, que se reformam as sociedades e os homens.

Todavia o esforço idealista de mais verdade e de mais justiça desses grandes homens, não se perdeu inteiramente.

A sua ânsia de renovação, de progresso, de aperfeiçoamento, de movimentar a Pátria para um futuro melhor, de universalizar e de colocar Portugal no centro da Europa, não foram brados intelectuais perdidos no deserto.

Sempre penetraram no cerne da sociedade portuguesa.

Não será temeridade proclamar e concluir que a situação de prestígio e de valorização que a nação portuguesa atravessa no actual momento, quer externa, quer internamente, não seja uma resultante ainda que longínqua, do espírito reformador desses homens superiores.

Todos nós temos nas inteligências, nas almas e nas palavras, um pouco do que eles eram e dos ideais que pretendiam atingir.

Junqueiro revolucionou a poesia, que era a sua verdadeira vocação.

No ritmo, na ondulação, na magestade, na musicalidade, no esplendor e na opulência do verbo foi um inovador.

A poesia antes e depois de Junqueiro é diferente.

Enriqueceu-a, dotou-a de novas formas verbais, proporcionou-lhe mais beleza, variedade e esponteidade de movimentos. Deu-lhe novas e cristalinas luminosidades.

Os críticos increpam-no de possuir mais palavras que ideias, de ser mais rico de forma que de substância, de não ter proporção entre o pensamento e a sua expressão.

Seja como fôr, Junqueiro há-de ser sempre o grande, o incomparável, o imortal Junqueiro.

E a sua obra tem de ser aceite na sua integralidade, pois assim completa e total, embora tocada de *sim e de não*, é que exprime em toda a sua pujança e força, o verdadeiro Junqueiro—aquele que fez vibrar de emoção, de entusiasmo, de frémitos indefiníveis tanta alma humana, como poucos ou raros, tiveram o supremo condão de despertar.

J. CARREIRA.

P. S.—Não é o artista modelar, mas sim «artista modelador».

J. C.

A canzoada

—o—

Continua à solta pela cidade sem haver maneira de nos vermos livres dela. E' um perigo e uma vergonha. Além do estrago que faz e a quantos mais casos ainda pode dar origem. Não se diga, todavia, que Aveiro dorme ou estamos parados. Pois não se tosquiou o Parque? Não sofreu tratos de polé o buxo do cemitério? Não se deitaram abaixo as árvores do Jardim e da Avenida, invocando-se para tanto a estética e o urbanismo, as conveniências, a engenharia e os técnicos?

Só dos cães, das matilhas que atravessam as ruas, enchem os largos e se aglomeram em determinados locais, ninguém tratou ainda a sério!

E nós que lhe havemos de fazer?

Assembleia Nacional

Reabriu no pretérito sábado e a Câmara Corporativa, recomeçando, assim, os trabalhos do segundo período da V Legislatura, que se prolongarão durante algum tempo.

O Govêrno prestou contas num elucidativo documento assinado pelo sr. doutor Oliveira Salazar, da obra de reconstituição económica levada a efeito nos últimos 15 anos e sobre o qual a Assembleia poderá pronunciar-se.

Gralhas & C.ª

Mas que quer Joaquim Carreira que lhe façamos se elas são tantas, tantas, e andam aos bandos, tornando-se difícil sacudi-las, afugenta-las? No entanto faz-se o que se pode. Para os leitores avaliarem, por sua vez, a fôrça dos inofensivos caracteres armazenados nos caixotins da tipografia.

Que praga!...

Vereadores

Teve lugar, no sábado, em todo o país a escolha dos indivíduos destinados à gerência dos municípios durante o quadriénio a principiar em 1951, havendo ficado no de Aveiro os mesmos que nele se encontram ainda, excepto os srs. José Martins Taveira e dr. Assis Maia. Nas suas cadeiras devem sentar-se, por isso, os srs. Agostinho Sacbetti Malheiro e Ricardo Pereira Campos Júnior, indicados para os substituir.

IMPRENSA

O Ilhavense

Com um número especial de 12 páginas, impresso em bom papel e muitas gravuras sobre a vila a ilustrá-lo, comerou no dia 20 o 40.º aniversário da sua existência sobre a proficiente direcção do professor José Pereira Teles, que nele tem consumido muito da sua actividade e pelo engrandecimento da vila se tem batido com denodo e sem desfalecimento.

Belo número! Que honra as artes gráficas e cujo recheio condiz com as boas intenções do timoneiro, para quem vão os parabens do *Democrata* na hora incerta da província continua a atravessar, e que também atingiu o *Ilhavense*, visto ainda sair só três vezes por mês quando era semanário.

Gazeta de Coimbra

Ao cabo de 40 anos suspendeu este jornal, que se publicava às segundas, quartas e sextas-feiras, pertencendo agora à Emprêsa Editora de «O País», L.da, com sede no Pátio da Inquisição, daquela cidade.

E O MATADOURO?

Que será feito do projecto que o dr. Lourenço Peixinho acalentou para a sua construção, de que tanto se falou e que era obra considerada já indispensável no tempo em que desinteressadamente trabalhava pelo engrandecimento de Aveiro?

Ainda existirá o antigo, lá em baixo, no Paraiso, esburacado, arruinado, a cair, impróprio da cidade que está a ser urbanizada a eito, de modo a parecer um brinco no meio de todas as outras terras de província?

Nós é que não sabemos, pois deixámos de frequentar o local logo depois que abandonámos o Liceu e consequentemente os banhos do... Paraíso.

Como se explica isto?

—o—

Nós somos muito curiosos e por isso, *de vez em quando*, surgem-nos casos deveras intricados. Este, por exemplo:

Numa recente entrevista concedida pelo sr. presidente da Câmara de Ilhavo a *O Ilhavense*, que a reproduz no número do último sábado, vem esta passagem:

«A vida económica do município é de molde a causar inquietação, ou está em situação desafogada?

—A situação económica da Câmara, apresentada pelo Chefe da Secretaria, sr. Manuel Delfim Morgado, em 13 de Novembro do corrente ano, mostra:

Se já tivessem entrado no respectivo cofre, como devia ser, os débitos do Empreiteiro, (por encontro de contas) a importância correspondente a abonos da Câmara para trabalhos feitos a mais nas captações de água, que é de Esc. 335.730$50, e ainda se não recebeu por o mesmo Empreiteiro não ter ainda, de há dois anos e meio a esta parte, feito a gentileza de entregar a respectiva documentação que repetidas vezes lhe tem sido pedida e as mesmas prometida, resultaria passar se para o ano de 1951 sem dever um centavo a qualquer entidade e ter em cofre mais de 200 contos.»

Mas na mesma página, quase a fazer *pendant*, o empreiteiro publica também uma carta em que, considerando-se desligado das questões técnicas referentes ao Abastecimento de Agua a Ilhavo, diz—*Pena é que ainda na presente data a Câmara de Ilhavo não tenha saldado os seus débitos ao Empreiteiro, no montante a algumas centenas de contos.*

Afinal, de que lado está a razão?

Atenção para a 4.ª página

Aveiro arqueológico artístico e monumental

OS TÚMULOS

V

pelo Dr. Alberto Souto

Não é aqui o lugar, nem é este o momento próprio, para largas dissertações críticas sobre o túmulo de D. João de Albuquerque, a grande peça da nossa arte funerária que tanto enriqueceu o Museu Regional, sem nada perder, como já disse, antes ganhando, na ambiência do seu conteúdo físico, moral e religioso. Mas não é possível passar adiante, já que comecei, sem chamar a atenção, ainda, para algumas particularidades do monumento que, sendo o mais antigo do grupo artístico do Panteon regional, era, há pouco, o menos conhecido e é o mais recentemente estudado, sendo bem crível e de desejar que prossiga a sua bibliografia.

Falei das coroas vegetalistas que na facial direita graciosamente envolvem os escudos enconcavados do fidalgo e de sua esposa, como motivos ornamentais ao tempo modernisantes e precursores do Renascimento. Mas não está aí, apenas, a originalidade e a notabilidade dos elementos decorativos deste rico sarcófago, bem digno, como é, de um dos grandes portugueses da Casa do Infante e dos gloriosos tempos da dinastia de Aviz.

Um dos mais curiosos pormenores da ornamentária do túmulo é o do casal de «selvagens» que no painel da facial dos pés da estátua jacente, entre roseiras floridas, nos apresentam o escudo de D. Helena Pereira, bipartido e em lisonja, tendo, do lado direito do observador, a cruz florenciada dos fidalgos da Feira e do lado esquerdo o brazão marital.

Devo dizer que estes brazões de armas se repetem seis vezes nas faces da caixa tumular: três vezes o do cavaleiro, três vezes o de sua esposa, mas como o escudo desta contém sempre o do marido, o brazão de D. João de Albuquerque repete-se seis vezes no monumento e sempre com os dois escudetes que ladeiam o central das quinas deitados horisontalmente, forma esta que deixou de usar-se apoz a morte de D. João II, concluindo-se deste detalhe heráldico que a obra não deve ser posterior a 1495.

Em três faces da arca (cabeceira, esquerda da jacente e pés) os escudos são planos e ladeados por figuras que os seguram e ostentam. Na face da direita, como disse e se pode ver na gravura aqui publicada, os escudos côncavos estão envoltos pelas corôas e os três meninos nús que brincam com a folhagem, não são *«tenentes»*, isto é, não seguram nem ostentam os brazões dos tumulados, estando, até, um deles de costas voltadas para o escudo de D. Helena Pereira e para o centro da composição. Mas todas as outras figuras decorativas, anjos vestidos, anjos nús e «selvagens» são *«tenentes»* das peças heráldicas que ladeiam a arca tumular.

* * *

Os «selvagens cabeludos», esses são, com as corôas vegetalistas de que falei no último artigo, uma das surprezas artísticas desta obra que, como vimos, ainda é gótica na sua geral feição, mas que ultrapassa o gosto medievo e alvoreja de Renascimento nas suas inovações ornamentais.

A arca foi talhada num grande bloco de calcáreo de Cantanhede e se assim veio já esculpida das oficinas de Coimbra, grandes trabalhos e cuidados deve ter dado a sua condução.

Foi evidentemente destinada ao centro de uma capela ou a um recinto com espaço bastante para ser vista nas suas quatro faces e para poder ser lida, em toda a volta e a todo o tempo, a inscrição identificadora e laudatória dos personagens, inscrição que, como bem opina o sr. Lourenço

SECA ARTIFICIAL DE BACALHAU

Começou a funcionar a primeira em Alcochete, de patente italiana, e que nos poderá fornecer 350 quintais diários, sem dependência das condições atmosféricas.

Depois, é de presumir que seja a Gafanha a enfrentar, também, por sua vez, este problema.

Será?

Transcrição

No último número do semanário *A Opinião*, de Oliveira de Azemeis, vem transcrita a carta que de Marselha nos dirigiu o consul de Portugal naquela cidade francesa sobre o pintor Alípio Brandão, que ali expoz os seus quadros sob o patrocínio do dr. Mário Duarte.

Agradecemos.

Chaves de Almeida, veio certamente a ser aberta mais tarde.

Vê-se que o artista que concebeu e que desenhou o monumento, se absteve por completo das clássicas formas da arquitectura ogival, afastando-se assim dos moldes de Coimbra, Oliveira do Conde e Alcobaça, todas com santos, figurações e cenas religiosas em edículos puramente góticos (túmulos de Sta. Isabel e D. Vataça, Fernão de Góis, D. Pedro e D. Inez).

Porém o painel da cabeceira, em que dois anjos, de aspecto compungido e funéreo, cobertos de longas túnicas e estolas cruzadas sobre o peito, seguram o escudo do cavaleiro e o elmo que, em grande relevo, o sobrepuja, é, sem dúvida alguma, uma concepção gótica e medieva, ao mesmo tempo religiosa e panegirística do herói a tumular.

E' perfeitamente compreensível, lógica e adequada. Anjos assim vestidos e semelhantes na modelação das azas fartas, vêem-se no túmulo de Rui Vasques e de sua mulher em Figueiró dos Vinhos, sustentando os escudos e elevando para o céu a alma do cavaleiro e vêem-se numa das pias batismais que o sr. Lourenço de Almeida muito bem tomou como afins do sarcófago do Senhor de Canelas e Angeja: é a pia batismal da Sé-Nova, onde a par de meninos nús, há dois alados e de túnica, segurando o brazão episcopal.

Mas a presença dos «selvagens» é um problema artístico, um verdadeiro quebra-cabeças, porque não se explica satisfatoriamente a inclusão de semelhante motivo escultórico acompanhando o escudo da fidalga e delicada D. Helena Pereira.

Os «selvagens cabeludos» ou figuras humanas dotadas de grossa pelagem em todo o corpo, só aparecem na nossa arte funerária neste túmulo e em dois mais de S. Marcos, tres obras dos mestres de Coimbra, todas três em cálcareo branco e fazendo a transição do Gótico flamejante para a Renascença manuelina e coimbrã. Sómente no Panteon dos Silvas, os «selvagens» teem um aspecto menos selvático, menos rude, menos goriloide do que os do túmulo do Albuquerque onde, se não foram as opulentas cabeleiras e as frontes muito humanas que as ornam, sè diria serem entes francamente simiescos.

* * *

Adão e Eva.

Considerou-os assim o sr. Lourenço Chaves de Almeida, tomando-os como um símbolo da fidelidade conjugal ternamente recordada no painel, pois como tal os viu e são designados na catedral de Valadolid.

E' uma opinião que se não pode pôr de parte e para a qual eu próprio muito me quiz inclinar, mas algumas objecções e outras hipóteses em contrário se levantaram à minha roda e no meu espírito.

A iconografia dos *«nossos primeiros pais»*, da lenda religiosa do Paraiso bíblico, apesar da grande liberdade dos artistas (que são como os poetas), nunca nos ofereceu as suas figuras—a não ser em Valadolid no testemunho do sr. Lourenço de Almeida, sob formas assim lanígeras ou de corpos tão grossamente cabeludos.

Esta representação, um tanto ou quanto simiesca, de Adão e Eva parece contrária, também, à ideia genesíaca de que Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança e o dotou da suma beleza corpórea que caracteriza a Humanidade.

Por outro lado também é muito admissível tratar-se de uma alusão às raças menos civilizadas dos paizes de além mar que então se andavam descobrindo e conquistando e em cuja emprêsa, sob a egide do Infante D. Henrique, o nosso cavaleiro tomara notória e heróica parte. Alusão, sob um exagero artístico e um êrro de conhecimento do continente negro, em cujos confins misteriosos, nas confusas ideias da época, viveriam raças humanas de afinidades brutescas e animaloides de que a notícia da existência dos gorilas africanos teria fornecido à tradição uma imagem ilusória?

Também pode ser. Mas para esta hipótese o que seria lógico, era que os «selvagens» segurassem o escudo do cavaleiro espadaudo e forte e batalhador de longínquas e ainda nebulosas terras e não o de sua delicada e feminil esposa.

E se chamo espadaudo e forte ao fidalgo e qualifico de delicada e feminil sua mulher, é porque assim concluiu, a respeito do seu vulto físico, o estudo antropológico das respectivas ossadas, feito pelo sr. Dr. Hugo de Magalhães, da Universidade do Porto, quando se procedeu à trasladação.

* * *

Simples invenção do artista, mera imitação de têmas idênticos já vistos noutra parte, sem qualquer particular intenção nem especial significado?

Também é de aceitar e de admitir.

O malogrado professor Dr. Vergílio Correia, aos dois homúnculos de intensa pelagem que no imponente túmulo de Fernão Teles de Menezes, em S. Marcos, nos abrem a opulenta cortina que, primorosamente esculpida na pedra regional, pende do docel suspenso do arcosolio, e a propósito, ainda, das outras figuras do mesmo género que se veem no visinho túmulo de João da Silva, no mesmo Panteon da família dos grandes Regedores da Justiça, chama-lhes «selvagens» e diz-nos que estes «selvagens cabeludos» são frequentes em Espanha, ostentando os escudos das famílias senhoriais, e que o professor Elias Tormo lhes atribui uma origem ligada ao culto de S. Onofre, muito em voga, nesse tempo, no país vizinho.

Em Portugal tais figuras não se vulgarizaram e creio não haver outras na nossa tumulária dos séculos XV e XVI em cujo limiar se coloca, como já se viu, o túmulo de João de Albuquerque.

O painel dos «selvagens» se não fosse um problema artístico ou um enígma de simbolismo, era e é, sem dúvida, uma bizarra e muito interessante singularidade deste monumento e como tal não pode nem deve passar despercebido a quantos o visitarem.

Produtores de leite

—o—

Nós não calculávamos que o nosso distriro produzisse tanto. Foi preciso a iniciativa da Delegação em Aveiro da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e a realização dum concurso entre eles, cujo número ascendeu a 101 dos quais se classificaram 37, para sabermos que obtiveram os seis primeiros prémios os srs. Manuel Lopes Branco, de S. João de Loure (2.500$00); dr. Pompeu Cardoso, de Aveiro (1.500$00): Alfredo Esteves, também de Aveiro (1.000$00); Augusto Nunes Sequeira, de S. João de Loure (500$); Adelino Ribeiro, de Oliveira de Azemeis (500$00) e D. Maria Rodrigues Cristina, de Cacia (500$).

E' certo que os dois nossos patricios e amigos foram batidos por S. João de Loure, que é freguesia; mas isso não impede que os felicitemos vivamente pela magnífica figura que fizeram, sem favor, pois queremos acreditar na imparcialidade do júri, galardoando-os...

Natal do Sinaleiro

Como do costume deve realizar-se, também, este ano, por iniciativa do Automóvel Club de Porgal, a recolha do que por ocasião da Festa da Família os automobilistas deixam aos polícias, como reconhecimento dos serviços que lhes prestam.

Achamos justo.

Carteiristas

Deviam ser em avultado número os especializados desta modalidade desportiva que vieram à cidade no dia do Cortejo das Oferendas ao Hospital e que fizeram das suas, tantas as queixas chegadas ao nosso conhecimento e os lamentos das vítimas a quem os papéis de que também se faziam acompanhar ainda fazem mais falta do que o próprio dinheiro.

E' o que acontece muitas vezes aos que demasiadamente confiam no próximo sem se lembrar que a gente vê caras e não vê corações...

Deles e delas, por também as haver muito perfeitas na arte...

Aposentação

Por ter atingido o limite de idade, deixou de exercer as funções de primeiro oficial do Governo Civil do distrito, o nosso presado amigo, sr. António Aguiar, que durante todo o tempo de investidura do lugar teve sempre a confiança dos superiores sem deixar de conquistar a estima do público com quem privou dentro da repartição.

Funcionário atencioso, de inconcussa probidade e honesta conduta, o sr. António Aguiar deixa a burocracia e decerto Aveiro para se acolher ao remanso da sua casa de Macieira de Cambra, onde passará a viver com sua família e para ela, depois de ter cumprido os deveres do cargo aqui desempenhado sem atritos, condignamente e à altura dos méritos de que deu exuberantes provas.

O Democrata, apresentando-lhe cumprimentos, deseja-lhe a melhor saude, fazendo além disso votos pela sua prolongada existência.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 26, a sr.ª D. Marieta Praça de Almeida Matos, esposa do sr. José Moreira de Matos; hoje, fá-los a menina Maria Odete da Silva Martins, interessante filha do sr. Armando Ferreira Martins, da Gafanha, e os srs. dr. Amílcar Gouveia, residente em Coimbra, e Mapril Guerra Orfão, ausente em Luanda (Angola); no dia 4, a distinta pianista sr.ª D. Joana Tavares de Melo e o nosso amigo Alvaro Ferreira da Silva, comerciante na Batalha; em 5, as sr.as D. Maria Gamelas Santana, D. Maria Júlia Seabra de Oliveira, D. Edmêa Gomes Craveiro e D. Maria da Conceição Pitarma, esposas, respectivamente, dos srs. tenente Manuel Nogueira Santana, Virgílio de Oliveira, das Caves do Barrocão, *dr. Vaz Craveiro, médico em Ilhavo, e Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa; em 6, a gentil Maria Inocência Casal Ribeiro, filha do nosso amigo Vitorino Casal Ribeiro, de Espinho; a sr.ª D. Rosa da Apresentação Gamelas Dinis, esposa do sr. Manuel de Oliveira Dinis, e os srs. António Ferreira da Fonseca e Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças; em 7, o comerciante sr. Jeremias Moreira e em 8, a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, da acreditada* Casa dos Ovos Moles; *a interessante Maria Perpétua da Encarnação Dias, filha do falecido António Dias Pereira da Conceição; os srs. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, António Alberto da Silva Reis, filho do sr. José dos Reis e o menino José Gil, filho do sr. Américo Carvalho da Silva.*

Partidas e Chegadas

Esteve em Aveiro o antigo capitão do porto desta circunscrição, sr. comandante Mário Costa, a quem nos foi grato cumprimentar.

Praias e Termas

Veio da Costa Nova o professor sr. João de Oliveira Frade e família.

Doentes

Encontra-se de cama com a saúde algo abalada, o sr. António da Silva Coelho, que de Celorico da Beira para aqui viera há pouco residir.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Queijo da Serra

Dizem de Oliveira do Hospital para os diários que no último mercado mensal se verificou grande abundância deste produto, oscilando os preços entre 120 e 170$ a arroba, com tendência para baixar ainda mais.

Por nove e dez escudos o quilo já se encontra muito queijo regular. O mais caro era finíssimo e de primeira escolha.

Como se sabe, o queijo alimenta, e, com pão, é rica coisa...

Dizem.

Atropelamento mortal

Em Cacia, para onde fôra viver depois de ter residido largos anos nesta cidade, foi num dos dias da semana passada colhido pelo automóvel MN 28-12, conduzido pelo seu proprietário, sr. Carlos Leitão, da *Ácifal*, o 1.º sargento da Armada, na situação de reformado, sr. Francisco Maria de Campos Torres, que, transportado logo a seguir para o nosso Hospital, não poude resistir aos ferimentos recebidos, falecendo no último sábado.

O desventurado sargento Torres, muito conhecido, devido à sua popularidade, era viuvo, natural de Extremoz e contava 65 anos.

Deploramos o seu trágico fim.

Uma inauguração

Na Avenida Dr. Lourenço Peixinho foi inaugurado, no domingo, um prédio que a Cooperativa «O Problema da Habitação» mandou construir para o seu associado, sr. António Massadas de Almeida Rino, factor dos caminhos de ferro, tendo assistido entidades oficiais e amigos do novo proprietário.

Realizou-se para esse efeito uma sessão numa das dependências, em que usaram da palavra os srs. J. Pereira da Silva e dr. José Dias da Silva que representavam a Cooperativa e dissertaram sobre os benefícios e vantagens que dava aos associados, e ainda o sr. desembargador Melo Freitas e o prior da freguesia da Vera-Cruz, reverendo Geraldo.

Em seguida os donos da nova moradia obsequiaram os seus convidados com um fino *copo de água*, durante o qual houve brindes, recebendo, no final, toda a família, felicitações por se encontrar belamente instalada na principal artéria da cidade.

O Democrata junta, também, as suas e agradece o convite que lhe foi endereçado para assistir.

« O Democrata »
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

Com 61 anos finou-se o comerciante sr. António Bento Peres, há muito impossibilitado de trabalhar, devido à doença que o vinha torturando e que no domingo à noite o fez baquear.

Era natural de Ranhados (Viseu) deixou viuva a sr.ª D. Lutegarda Pinto Lona Peres e quatro filhos, tendo-se o enterro realizado, no dia seguinte, para o cemitério sul.

A toda a família, as nossas condolências.

* * *

Em Lisboa, onde há muito residia, sucumbiu aos estragos duma grave enfermidade o nosso conterrâneo Manuel Cristo, que era dotado dum espírito alegre e folgazão.

Tinha 47 anos e a notícia da sua morte penalizou quantos o conheciam e o tiveram por companheiro na mocidade, deliciando-se, por vezes, com a sua magnífica voz e verbe natural, cheia de graça.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, as sr.as D. Albertina Augusta Gonçalves Guimarães, solteira, de 84 anos, natural de Chaves, e D. Maria Vicência de Oliveira Barros, também solteira, de 87, natural de Lisboa; e em *Taboeira*, Maria Marques Calafate, de 62, casada com António Marques da Graça, e António Marques da Silva Júnior, casado, de 64, agente de P. S. P. reformado.

Correspondências

Oliveirinha, 1

Cantoneiros especializados nesse serviço iniciaram a reparação das estradas que conduzem a S. Bernardo e às Quintans, e para as quais há muito havia montes de pedra que lhe eram destinados.

Congratulamo-nos por ter, enfim, chegado a hora de as aspirações do povo serem atendidas, embora não seja ainda tudo que desejaríamos ver e é preciso.

—Choveu bastante nos fins da semana passada e princípios desta, o que só traz regosijo para a lavoura.

E também aqueles que precisam de água da fonte e dos lavadouros atestados devem estar contentes com a interrupção da estiagem prolongada.

C.

O DEMOCRATA vende-se na *Tabacaria Veneza*, Rua Gustavo Pinto Basto—AVEIRO.

Futebol e gripe

O futebol é um desporto popular em muitos países, a falar verdade o desporto por excelência.

Grande é o número de futebolistas e maior ainda o número de pessoas que se encontram em redor do campo para animar os favoritos. Futebol é um desporto de outono e de inverno. Joga-se em névoa e chuva, tempestade e tempo frio. Os jogadores apaixonados pelo jogo sentem geralmente pouco frio, mas os espectadores estão tiritando e escondem a cabeça na gola do sobretudo. Findo o desafio, voltam muitas vezes para casa, tossindo e espirrando. Aliás, não é só no campo de futebol, mas também cá fora que se pode apanhar uma constipação, não esquecendo a própria equipa.

Que consequências podem surgir para o campeonato!

Recomenda-se, pois, tomar o tónico quinina e a vitamina de fruta C em caso de constipação ou para evitá-la. Isto não só estimula a constituição, mas aumenta também a resistência. Tornam-nos menos susceptíveis e poupa-nos, em geral, as complicações de uma constipação.

Junta de Freguesia de Oliveirinha

AVISO

Pelo presente faz-se público que está aberto concurso pelo espaço de trinta dias, contados da data da publicação deste, para adjudicação da empreitada de «Construção de um edifício para séde desta Junta», no largo da Feira, em Oliveirinha, cujos projecto e caderno de encargos podem ser examinados na Repartição dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Aveiro, em todos os dias úteis, dentro das horas normais de serviço.

Os concorrentes deverão efectuar o depósito provisório de 5.000$00.

Oliveirinha, 25 de Novembro de 1950.

O Presidente da Junta,
RAFAEL SIMÕES

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Faz saber que pelo 2.º Juizo desta comarca—1.ª Secção—e na execução sumária de letra em que é exequente A. Marques de Brito, com estabelecimento comercial na Rua Rosa Falcão, n.º 24, da cidade de Coimbra, e executados Carlos Pinto da Silva e esposa, D. Conceição Andias Pascoal, ele comerciante e ela doméstica, residentes na Praça do Peixe, desta cidade de Aveiro, correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 7 de Novembro de 1950.

Verifiquei a exactidão.

O Juíz de Direito,
José Luís de Almeida

O Chefe de Secção,
Fernando da Rocha Pereira

MENINAS

Recebem-se até 15 anos em casa particular. Aqui se informa

Comarca de Aveiro

ÉDITOS DE 20 DIAS

1.ª publicação

Por êste Juizo, primeira secção, nos autos de execução sumária que João das Neves Ferro, casado, proprietário, desta cidade, move a António Martins Gomes, casado, com Maria do Rosário Martins Gomes, ele comerciante e ela doméstica, de Esgueira, correm éditos de 20 dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anúncio, a citar, os credores desconhecidos, do executado, para nos dez dias posteriores, reclamarem os seus creditos.

Aveiro, 26 de Outubro de 1950.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Henrique de Carvalho

O chefe de secção,
José Pereira Grijó

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.